

Ampliando os horizontes sociológicos em tempos de tecnologias globais: Os estudos sobre Culturas Alimentares Digitais

Arthur Saldanha dos Santos¹

PPGS/UFRGS: <https://orcid.org/0000-0002-3452-8669>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n32ID25877](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID25877)

LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York: Routledge, 2020.

Em termos de contribuições científicas, muito tem sido produzido, nos últimos anos, sobre as implicações das tecnologias digitais nos comportamentos sociais dos indivíduos. Basta navegar por alguns periódicos nacionais e internacionais voltados para as discussões das ciências sociais, se confirma essa colocação (LUPTON, 2015; MISKOLCI, 2016; MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). Em face disso, o olhar sobre os impactos dessas tecnologias nos comportamentos alimentares dos indivíduos redonda-se em uma investigação recente, com importantes avanços não só no entendimento das relações sociais em torno do alimento nos espaços digitais, mas também na promoção de sistemas alimentares sustentáveis e suas configurações assumidas nesses espaços (SANTOS, 2020). As dinâmicas cotidianas da vida humana na internet têm sido abordadas sob diferentes ângulos e perspectivas, gerando reconfigurações analíticas, com o deslocamento da atenção para as dimensões simbólicas e socioculturais dessas interações.

É sobre essa interrelação entre alimentos, tecnologias e comportamentos sociais que o livro recentemente organizado por Deborah Lupton e Zeena Feldman, *Digital Food Cultures*², publicado em março de 2020, investiga, problematiza e inova em possibilidades investigativas para os estudos alimentares na era digital. A obra

¹ E-mail: arthur-ufvjm@hotmail.com

² Tradução nossa: Culturas Alimentares Digitais.

apresenta contribuições, de modo especial, para a Sociologia Digital e a Sociologia da Alimentação. Não obstante ao seu caráter problematizador, o livro apresenta reflexões sobre as percepções das mídias e dispositivos digitais em contextos geográficos distintos, somando-se a outras áreas de estudo que circundam as práticas contemporâneas de produção e de consumo de alimentos.

O que garante seu caráter inovador nas discussões atuais nas Ciências Sociais são as aproximações existentes nas interfaces entre comunicação tecnológica *online* e a vida cotidiana dos indivíduos. Essas interseções deslocam a investigação não para os comportamentos sociais em si, mas sim para as dimensões simbólicas que estruturam esses comportamentos tidos como digitais. Isto posto, as manifestações político-culturais dos sujeitos nos espaços digitais tornam-se indispensáveis para aqueles estudos que procuram analisar o cotidiano das relações sociais digitalmente mediadas. O livro reforça a concepção sobre o digital como um espaço de interação mútua entre o íntimo e o público, contribuindo para a formação identitária dos sujeitos e um lugar profícuo para as disputas e posicionamentos sobre realidades muito específicas. Atrelando essa compreensão aos estudos de Erving Goffman sobre representações sociais³, as mídias digitais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, funcionam como palco em que essas trocas simbólicas acontecem e são performadas cotidianamente.

A obra está organizada em cinco partes, contando com treze capítulos elaborados por autorias com *expertise* nos assuntos apresentados. O primeiro capítulo, com um título sintético e autoexplicativo, *Digital Food Cultures*, é dedicado para a contextualização e apresentação da obra. Deborah Lupton inaugura a seção conectando os estudos da Sociologia Digital às Culturas Alimentares, apresentando reflexões críticas e de modo inédito nas Ciências, estruturando o conceito sobre as Culturas Alimentares Digitais. A autora toma como ponto de partida para sua análise, a geração e a reprodução de significados e de conhecimentos culturais associados à comida, bem como à sua dissipação com as novas tecnologias de informação e comunicação no atual contexto. O compartilhamento de experiências é a palavra-chave do momento, seja de pratos, prazeres, tensões, ativismos, modos de vida ou orientações diversas.

³ Cf. GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 9ª Edição, 2001. O livro volta-se também, para outras formulações sobre os comportamentos sociais amplamente discutidas na literatura e que se mantém sempre atuais, como as contribuições de Émile Durkheim, Pierre Bourdieu e Michael Foucault.

Os aspectos culturais que envolvem as redes digitais são cada vez mais sofisticados e apresentam, indiscutivelmente, o caráter de sociabilidade. Assim sendo, Lupton pontua que ao tratar das Culturas Alimentares Digitais enquanto novo campo de estudo, necessariamente cabe à utilização de uma abordagem sociocultural na análise, alinhando pessoas, alimentos e tecnologias digitais. Essa abordagem, conforme segue apresentada nos estudos ao longo do livro, desloca o olhar sociológico das ações sociais para as ações digitais, embora não nesses termos. Compreender a estrutura da sociabilidade digital é levar em consideração as motivações e identidades dos sujeitos envolvidos nesse tipo de interação.

A primeira parte do livro, com o título *Bodies and Affects*⁴, compartilha dois trabalhos voltados para as representações sociais na *internet*, *Self-Tracking and Digital Food Cultures: Surveillance and Self-Representation of the Moral ‘Healthy’ Body*⁵ de Rachael Kent, e, *Carnavalesque Food Videos: Excess, Gender and Affect on YouTube*⁶ de Deborah Lupton. A cultura do corpo é tomada como símbolo da crescente onda de interação na *internet*, motivando o desenvolvimento e o aprimoramento de redes digitais, bem como a dissipação de *softwares* voltados para questões de saúde e corpo “ideal”. A seção é voltada às discussões sobre as binaridades e dimensões afetivas que estruturam as mídias e tecnologias digitais, como masculino/feminino, controlado/caótico, limpo/sujo, gordo/magro, dentre outras.

A segunda parte do livro, intitulada *Healthism and Spirituality*⁷, amplia a discussão sobre a digitalização da alimentação e comportamentos sociais, ao incluir as dimensões saúde e espiritualidade como eixos de mobilização social. A seção conta com três capítulos que trabalham essas interrelações, a partir dos aspectos simbólicos da interação. Assim, o capítulo quatro, *You Are What You Instagram: Clean Eating and the Symbolic Representation of Food*⁸, de autoria de Stephanie Alice Baker e Michael James Walsh, aborda o conceito de alimentação limpa presente na *internet*. O trabalho avança no dimensionamento dos comportamentos dos indivíduos que socializam, frequentemente por meio de imagens, seus modos de vida, buscando repassar e construir coletivamente, e quase sempre por meio da utilização de

⁴ Tradução nossa: Corpos e afetos.

⁵ Tradução nossa: Auto rastreamento e culturas alimentares digitais: vigilância e autorrepresentação do corpo moral ‘saudável’.

⁶ Tradução nossa: Vídeos carnavalescos de comida: excesso, gênero e efeito no Youtube.

⁷ Tradução nossa: Saúde e Espiritualidade.

⁸ Tradução nossa: Você é o que você Instagram: alimentação limpa e a representação simbólica dos alimentos.

*hashtags*⁹, um corpo ideal baseado em uma alimentação “saudável”.

Além da manifestação de um estilo de vida, as autoras problematizam essa construção sociodigital dos corpos ao perceberem o seu caráter ritualístico na *internet*. Desse modo, elas mobilizam as contribuições de Durkheim e Goffman nos estudos dos rituais, para analisarem esses comportamentos sociais à roda de uma alimentação limpa. Tendo em vista que as interações e manifestações sociais nas publicações analisadas transcendem os aspectos identitários e de status das representações visuais, as interrelações acerca dos estilos de vida na *internet*, sugerem que as normas corporais são cumpridas e reproduzidas pelos usuários em seu cotidiano. Há, portanto, um ciclo de transmissão de práticas sociais com implicações nas formações identitárias dos sujeitos conectados.

Os dois capítulos seguintes, *Healthism and Veganism: Discursive Constructions of Food and Health in an Online Vegan Community* Healthism in the Online Vegan Community¹⁰ de Ellen Scott, e, *Working at Self and Wellness: A Critical Analysis of Vegan Vlogs*¹¹ de Virginia Braun e Sophie Carruthers, figuram-se como estudos de casos voltados ao veganismo nos espaços digitais. Pontualmente, o quinto capítulo versa sobre as maneiras pelas quais os veganos relacionam dieta com alimentação em seus discursos e interações. Além das mídias digitais funcionarem como uma rede de apoio a esse estilo de vida considerado radical, o aparato sociocultural fornecido no *Instagram, Twitter e Facebook*, por exemplo, garantem o compartilhamento e manejo de informações aos usuários, se expandido além de reflexões sobre dieta e atingindo patamares cada vez mais politizados, como acontece nas discussões acerca da libertação dos animais não humanos e animais humanos, bem como preservação e manutenção ambiental.

O sexto capítulo, por sua vez, ao se dedicar na análise crítica de *vlogs* veganos no *Youtube*, percebe a comida como um processo político resultante da performance social dos sujeitos interconectados. O texto discute as diferentes percepções sobre alimentação saudável centrada na ética, moralmente aceita e associada a veganismo, assumindo que o caráter reflexivo da alimentação está presente nas escolhas que os

⁹ O termo *hashtag*, se refere à utilização de códigos e símbolos que possuem o intuito de propagação de informação a número maior de usuários das mídias sociais. O termo, amplamente difundido, é traduzido no sinal tipográfico da cerquilha “#” e acompanhado de palavras curtas que expressem aquilo que é publicado, se configurando em hiperlink que engloba outras postagens com o mesmo assunto sinalizado.

¹⁰ Tradução nossa: Saúde e veganismo: construção de discursos alimentares e de saúde em uma comunidade vegana online.

¹¹ Tradução nossa: Trabalhando por conta própria e bem-estar: uma análise crítica de *vlogs* veganos.

adeptos fazem no seu dia a dia, seja por meio da seleção do aparato digital ou dos aspectos que orientam seus modos de vida além da *internet*.

A terceira parte do livro, intitulada *Expertise and Influencers*¹², aborda o desenvolvimento de práticas sociais voltadas para os modos de transmissão da alimentação nas mídias digitais e abriga três capítulos mais ou menos coesos entre si. O capítulo sete, com o título *A Seat at the Table: Amateur Restaurant Review Bloggers and the Gastronomic Field*¹³ e assinado por Morag Kobez, se dedica na análise de uma crescente prática nas plataformas voltada para a avaliação, de modo amador, de experiências gastronômicas. Essas manifestações são justificadas, para além de seu caráter de entretenimento, pela aproximação à realidade das pessoas que não podem usufruir da alimentação de um restaurante de alta gastronomia. Assim sendo, uma alternativa lucrativa que tece a ligação entre as pessoas de casa e o restaurante, é justamente o registro sofisticado do (a) blogueiro (a), podendo ser em formato de vídeo, foto e com ou sem crítica direcionada à experiência alimentar.

O capítulo oito da terceira seção se intitula *I See Your Expertise and Raise You Mine: Social Media Foodscapes and the Rise of the Celebrity Chef*¹⁴, de autoria de Pia Rowe e Ellen Grady, de modo oposto ao abordado no capítulo sete, analisa e problematiza a transmissão da alimentação contando com habilidades culinárias de chefes celebridades na *internet*. Essas práticas, também recorrentes na atualidade, têm chamado a atenção dos estudos socioculturais por evidenciarem impactos nas identidades dos indivíduos que se abastecem desse tipo de conteúdo. Mais do que isso, cada vez mais essas celebridades procuram levar para a cozinha especializada o modo de alimentar-se sofisticadamente, em se tratando da realidade das pessoas conectadas (sejam pratos tradicionais ou culturalmente enraizados).

Encerrando a terceira parte do livro, o capítulo nove com o título *'Crazy for Carcass' Sarah Wilson, Foodie-Waste Femininity, and Digital Whiteness*¹⁵, de autoria de Maud Perrier e Elaine Swan, investiga a dimensão da feminilidade associada às representações digitais de raça, classe e desperdício de alimentos. Ao acompanhar as mídias digitais de Sarah Wilson, uma celebridade além da *internet*, os autores

¹² Tradução nossa: Especialização e Influenciadores.

¹³ Tradução nossa: Um assento à mesa: blogueiros amadores de críticas de restaurantes e o campo gastronômico.

¹⁴ Tradução nossa: Eu vejo sua experiência e elevo a minha: cenários alimentares nas redes sociais e a ascensão do chef celebridade.

¹⁵ Tradução nossa: 'Louco por carcaça': Sarah Wilson, desperdício de comida, feminilidade e brancura digital.

problematizam as representações *online* de alimentos, debatendo questões como bem-estar, gênero, sustentabilidade, classe e, de modo mais aprofundado, o desperdício de alimentos associado à raça.

A quarta e penúltima parte do livro, *Spatialities and Politics*¹⁶, está estruturada em dois capítulos que discutem a dimensão política das mídias digitais. O capítulo dez *Are You Local? Digital Inclusion in Participatory Foodscapes*¹⁷, assinado por Alana Mann, versa sobre os processos de transformação com as quais as práticas alimentares vêm passando nos últimos anos com o advento das tecnologias digitais. A *internet* proporcionou agilidade no processo alimentar do indivíduo, no entanto, contribuiu para o desenvolvimento de outras condições que separam o alimento da sua origem e do seu consumidor. É sobre esse resgate do local e da sustentabilidade no universo *online*, por meio da confiança e sociabilidade entre as pessoas, que o capítulo se propõe enquanto reflexão.

Já o capítulo onze, *Visioning Food and Community Through the Lens of Social Media*¹⁸, de autoria de Karen Cross, aborda o potencial das mídias digitais na reconexão alimentar *online*, propondo que o processo de mediação possibilitado pela *internet* favorece enquanto espaço alternativo, o ativismo político e alimentar dos sujeitos. Dito isso, com a abordagem do ativismo alimentar digital, o capítulo problematiza as diferentes estratégias envolvidas na mediação tecnológica, chamando a atenção para a oposição evidenciada na iniciativa privada, como as estratégias empresariais voltadas para a promoção alimentar. Assim sendo, a *internet* funciona como uma arena de disputa alimentar entre os diferentes atores, que contam com diferentes práticas e habilidades na formação de redes, engajamento e popularidade nos processos de interação.

A última parte do livro, intitulada *Food Futures*¹⁹, apresenta também dois capítulos a guisa de conclusão. Essa seção tem por intuito o fechamento da obra e a problematização do campo de estudo proposto. Assim sendo, a mudança nos hábitos alimentares com o advento das tecnologias digitais é discutida nesta seção. São apresentados, portanto, preocupações com as dimensões socioculturais da alimentação na era digital em cenários futuros.

¹⁶ Tradução nossa: Espacialidades e política.

¹⁷ Tradução nossa: Você é local? Inclusão digital em paisagens alimentares participativas.

¹⁸ Tradução nossa: Visualizando comida e comunidade através das lentes da mídia social.

¹⁹ Tradução nossa: Futuros alimentares.

O capítulo doze *Connected Eating: Servitising the Human Body through Digital Food Technologies*²⁰, assinado por Suzan Boztepe e Martin Berg, discute a condição alimentar associada à conexão digital. Diferentemente dos capítulos anteriores, o texto analisa as estratégias de comercialização *online* e a funcionalidade das mídias digitais. Os impactos das tecnologias digitais nos hábitos alimentares dos sujeitos são investigados, a partir da apreensão dos processos de interações.

Já o capítulo treze, a última contribuição do livro, apresenta como título *From Silicon Valley to Table: Solving Food Problems by Making Food Disappear*²¹, sendo desenvolvida por Markéta Dolejšová. O texto retoma importantes contribuições analíticas ao longo do livro, para problematizar o processo de inovação e tecnologia de alimentos no Vale do Silício, Califórnia. O surgimento de alternativas alimentares, contando com massivos investimentos de empresários e *startups*, bem como ancoradas na falsa promoção da relação entre saúde e sustentabilidade, são abordados criticamente no texto. A temática tem mobilizado intensamente os estudos alimentares nos últimos anos, se relacionando não só às manifestações científicas ao tema, mas também, evidenciando toda a estrutura social dos engajamentos, ativismos e ações coletivas centrados nas mobilizações e contestações nos diferentes espaços de interações.

Os estudos sociológicos que se encontram na interface entre os comportamentos sociais e tecnologias de informação e comunicação já vinham assumindo a centralidade das agendas de pesquisa na área nos últimos anos (HINE, 2015; LEITÃO; GOMES, 2017; LUPTON, 2015; NASCIMENTO, 2016). Com o advento da pandemia causada pela COVID-19²², essa lente investigativa tornou-se mais evidente nos trabalhos acadêmicos que se reinventaram e aproveitaram as oportunidades analíticas disponíveis no contexto. A temática passou a compor estruturas de dossiês e temas de teses e dissertações espalhadas pelo país. Dessa maneira, as abordagens acerca dos aspectos digitais e socioculturais da alimentação, apresentam-se como contribuições proeminentes nos próximos anos.

²⁰ Tradução nossa: Alimentação conectada: servindo ao corpo humano por meio de tecnologias alimentares digitais.

²¹ Tradução nossa: Do Vale do Silício à mesa: resolvendo problemas alimentares fazendo com que os alimentos desapareçam.

²² COVID-19 é a sigla usada para se referir à doença infecciosa causada pelo coronavírus, que acabou se configurando em uma pandemia a partir do posicionamento da Organização Mundial da Saúde sobre seu devastador impacto no mundo. Cf. <https://www.paho.org/pt/covid19>.

Os capítulos apresentados no livro estão interligados pelos seus interesses em comum nos estudos das Culturas Alimentares Digitais. Para uma primeira discussão sobre a temática, a obra confirma o que se propõe a fazer, apresentando elementos por meio de verificação empírica, para a estruturação de um campo de estudo inédito e, portanto, ainda em desenvolvimento. Ademais, junto ao seu caráter inovador, surgem também os tensionamentos e disputas em torno de sua delimitação, contribuindo para o seu aprimoramento. Dadas as abordagens teórico-conceituais mobilizadas, presume-se que as disputas analíticas serão intensificadas na apreensão dos comportamentos dos indivíduos, nas diferentes plataformas digitais de interação social - a saber, as possibilidades teórico-metodológicas.

Permite-se apontar alguns desafios teórico-metodológicos a serem superados, como a apreensão da dimensão identitária, simbólica e subjetiva da ação social na constatação empírica de modo ético. A discussão ética envolvida na coleta e tratamento analítico dos dados empíricos coletados em mídias digitais, ainda que apresente importantes avanços, vem se configurando em uma problemática central na Sociologia Digital (LUPTON, 2015; NASCIMENTO, 2016). Os perfis, em modalidade pública, *per se*, não garantem o usufruto por parte da investigação científica, sobretudo àquelas dedicadas ao tratamento dos grandes dados coletados na mídia. Desse modo, por consequência dessa “fragilidade”, caberia ao livro e possíveis estudos futuros em torno da temática alimentar, um melhor dimensionamento metodológico sobre o processo de fazer pesquisa em plataformas de mídias digitais. Alguns avanços podem ser observados na recente publicação do livro *Research Methods in Digital Food Studies*, organizado e sistematizado por Jonatan Leer e Stinne Gunder S. Krogager (LEER; KROGAGER, 2021).

Por fim, os aspectos metodológicos problematizados sobre os estudos das Culturas Alimentares Digitais enquanto um novo campo de estudo na Sociologia da Alimentação, não invalidam suas potencialidades. Essas sinalizações podem ser vistas como complementares na formação desse novo campo de investigação, estimulando o desenvolvimento de novas contribuições acerca dessas lacunas. Assim, esta resenha conclui que a obra *Digital Food Cultures* apresenta uma contribuição inédita e inovadora, sendo recomendada para futuras pesquisas na área e para aqueles interessados no assunto e sua ampliação.

Referências

- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 9ª Edição, 2001.
- HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Routledge, 2015.
- LEER, Jonatan; KROGAGER, Stinne Gunder S. **Research Methods in Digital Food Studies**. New York: Routledge, 2021, 248 p.
- LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Niterói: **Revista Antropolítica**, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2017.
- LUPTON, Deborah.; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York: Routledge, 2020, 228 p.
- LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. New York, Routledge, 2015.
- NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. Porto Alegre, **Sociologias**, v.18, n. 41, jan./abr., p. 216-241, 2016.
- MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea** - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016.
- MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando De Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 132-156, 2018.
- SANTOS, Arthur Saldanha Dos. Contornos do Movimento Afrovegano no Brasil: reflexões a partir dos ativismos nas mídias sociais. **Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS**, na forma remota, p. 1-19, 2020.

Recebido: 07 Jul 2021

Aceito: 17 Nov 2021